

Geraldo Massaro

E SE O  
PSICODRAMA  
TIVESSE  
NASCIDO NO  
CINEMA?



EDITORA  
ÁGORA

*E SE O PSICODRAMA TIVESSE NASCIDO NO CINEMA?*  
Copyright © 2014 by Geraldo Massaro  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Editora assistente: **Salete Del Guerra**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Imagem de capa: **iStockphoto**  
Produção editorial: **Crayon Editorial**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

### **Editora Ágora**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.editoraagora.com.br>  
e-mail: [agora@editoraagora.com.br](mailto:agora@editoraagora.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3873-7085  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1</b> A cena e seus caminhos terapêuticos .....	11
<b>2</b> A linguagem cinematográfica .....	25
<b>3</b> Cinema e realidade .....	43
<b>4</b> Roteiro, montagem e formas narrativas .....	53
<b>5</b> “Situação-psicodrama” .....	69
<b>6</b> Jogos, cinema e psicodrama .....	85
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	97

# Introdução

Quando uma pessoa procura psicoterapia, seja num consultório particular, seja numa instituição pública, ela leva ao profissional suas questões. Estas podem ser apresentadas em uma dimensão mais interna, tais como sentimentos, concepções, angústias, desejos e sofrimentos. Também podem ser trazidas valorizando mais as contingências externas, tais como conflitos relacionais, dinâmicas familiares, dificuldades de concretizar projetos ou mesmo situações profissionais. “Mundo interno” ou “mundo externo” são apenas focos, já que são partes de um mesmo todo, que é o humano.

A maneira como nós, terapeutas, colocamo-nos diante dessas questões delinea o que acreditamos ser a terapia, ou mesmo qual o nosso papel de terapeuta. Ainda mais que isso, dimensiona o que acreditamos ser a saúde e a doença mental.

Acredito que, por melhores que sejam as atitudes de um terapeuta contemporâneo, mais especificamente dos psicodramatistas, existe hoje uma espécie de lugar-comum, de conserva cultural na nossa prática. Ela torna ritualística não só a nossa ação, como também o ensino nas escolas que formam terapeutas. O resultado, apesar de muitas vezes ser bom, abafa a tão procurada criatividade psicodramática prenunciada por Moreno.

A meu ver, isso ocorre, em parte, por duas influências marcantes em nosso cotidiano profissional, ou seja, pela influência psicanalítica e pela influência do teatro. Mantemos com essas estruturas, principalmente com a primeira, uma relação de ambiguidade. É inegável quanto a psicanálise foi formadora não só para o psicodrama, mas para quase todas as modalidades de psicoterapias, assim como é inegável a influência formadora do teatro sobre os psicodramatistas. Como podem influências benéficas trazer rituais e conservar? Trata-se menos das estruturas citadas em si e mais de uma prática nossa que aos poucos perde o poder de transformação pela maneira como é usada e também pela nossa dificuldade de refletir sobre ela. Um exemplo disso talvez seja como certos jogos são aprendidos pelos psicodramatistas em formação no contexto de suas terapias, e depois reproduzidos aleatoriamente nos espaços onde exercem o papel de terapeutas em formação.

Seria possível, entretanto, que, sem negar tais fontes, pudéssemos buscar ideias de ações em outras dimensões? Sim. O realce de algumas teorias morenianas, como a teoria do momento, pode nos trazer novas e insuspeitadas contribuições. Assim também outras teorias, como as de Deleuze, podem formatar novas influências, e outras artes, como o cinema, podem nos oferecer inovações.

Com base em uma prática já antiga com pessoas psicóticas e em estudos que tenho feito sobre processos de subjetivação e sobre a cena psicodramática, procuro introduzir algumas alterações na minha forma de trabalhar. Claro que essas alterações carregam uma série de influências externas, às quais fui adaptando minha ação terapêutica. Neste livro tento descrever um pouco essas minhas inquietações acreditando que elas podem ser úteis para outras pessoas.

Não se trata apenas de buscar técnicas que ampliem a nossa ação. Por mais importante que isso seja, trata-se de questionar a nossa postura e as nossas atitudes. Por exemplo, atualmente trabalho com quatro grupos psicoterápicos. Há mais de dez anos não faço sessões com protagonista individual, ou seja, uma sessão centrada numa única pessoa. Essa não é apenas uma questão técnica ou de gosto pessoal. É o resultado de um caminho longo de aprendizado com meus clientes e com diversas teorias. É outra maneira de enxergar meu papel perante as pessoas que me procuram como terapeuta. É quase uma questão ideológica.

É disso que trata este livro. Busca novidades técnicas, sim; mas, mais que isso, busca conceitos e posturas que se organizam de inquietações que se acumularam ao longo dos anos.

Resumindo os focos que considero principais no texto:

- A psicoterapia como um processo menos preocupado com resolução de conflitos e mais voltado para permitir um campo de subjetivação.
- O uso de conceitos e técnicas do cinema para facilitar esse processo.
- Um entendimento de como o épico e o lírico, como formas narrativas, podem ser contrapontos ao drama na montagem das cenas.

No primeiro capítulo, resumo e aprofundo um texto anterior sobre a teoria da cena. Nele, com base na teoria do momento e em algumas posições deleuzianas, descrevo outras formas de pensar a ação terapêutica da cena. No segundo capítulo, faço um parale-

lo entre as linguagens teatral e cinematográfica, realçando os instrumentos da segunda, já que supostamente são menos conhecidos por nós, psicodramatistas. No terceiro capítulo, o mais difícil, reflito um pouco sobre a questão da realidade no cinema e da realidade na terapia, principalmente psicodramática. No capítulo seguinte, tentei descrever aspectos da montagem, do roteiro e das formas literárias do cinema, sempre procurando novas conceituações para a prática. Nas formas literárias, discuto a possibilidade de uso do épico e do lírico como contraponto ao dramático. No quinto capítulo, apresento um conceito que tenho usado, o da “situação-  
-psicodrama”. No último capítulo, descrevo dimensões puramente técnicas, como jogos e instrumentos do cineasta que poderiam ser usados no nosso dia a dia.

# 1

## A cena e seus caminhos terapêuticos

**N**a Introdução, afirmei que a maneira como o psicoterapeuta se coloca perante as questões das pessoas que o procuram determina a sua opção por qual profissional quer ser, assim como o seu conceito de psicoterapia e de saúde.

Outra maneira, talvez mais específica, de colocar a mesma questão é discutir a forma como o profissional se coloca perante o imaginário dessas pessoas. O imaginário é importante para qualquer modalidade de terapia. Mas, para nós do psicodrama, em função da cena, o imaginário adquire uma importância talvez ainda maior. Aqui também se delineiam a opção e as concepções do terapeuta.

De acordo com Sartre (1940, p. 341), “toda imaginação aparece sobre um fundo mundano, mas, reciprocamente, toda apreensão do real mundano implica uma passagem implícita através da imaginação”.

Nesse sentido, como se dá, no psicodrama, a ligação imaginação/real mundano? Ela se dá principalmente por uma cena. Mesmo que o profissional não esteja dramatizando, ele em geral está usando princípios de dramatização, como o solilóquio, a tomada



de papel, o duplo e outras técnicas. A própria terapia da relação, como nos é ensinada por Fonseca, situa-se nessa dimensão.

Então, fixemo-nos na cena e sigamos Merleau-Ponty. A cena psicodramática se passa na ordem do mito. Mito é algo que se origina no imaginário, mas é vivido como real. Pelé é um mito porque houve uma necessidade do brasileiro, terceiro-mundista, de ter um super-herói terceiro-mundista. Era nossa imaginação. Mas Pelé só pode ser esse mito porque tinha correspondência no real mundano, ou seja, jogava muita bola.

Assim, a cena não se passa no real, porque pode ser interrompida, desfeita como tal. Tampouco se passa no imaginário, porque traz à tona um envolvimento que simula o real, capaz de criar intensas emoções, como se a situação estivesse sendo vivida ali. E é o corpo que permite o fluxo desse imaginário, transformando ideias em coisas. Nessa explicitação de desejos, sonhos e fantasias, a cena permite o contraponto com o real. E, ao revelar esse imaginário, a cena nos mostra o fundo mundano que, nessa pessoa, se relaciona com esse imaginário.

Em um livro anterior, *Esboço para uma teoria da cena* (Ágora, 1996), argumentei que a cena psicodramática se passa em dois movimentos. No primeiro, há uma montagem que, embora imaginada, tem um compromisso indissolúvel com o real. E é nessa montagem que o protagonista encontra o real, com o terapeuta fazendo vir à tona as suas questões. Na época, dei como exemplo o filme *O homem de la Mancha* (*Man of la Mancha*, Artur Hiller, EUA/Itália, 1992). O fragilizado Quixote encontra-se rodeado pelos cavaleiros fortemente armados, com seus escudos tendo espelho no lado inverso. Essa é a montagem. Quando Quixote os ataca, eles viram o escudo, agora espelhos, obrigando o cavaleiro

a se defrontar consigo mesmo e a se redimensionar. O espelho-terapeuta, ao prender sua imagem, o mantém cativo no real. A quase realidade de seu delírio se desfaz na realidade de seu desejo. Os cavaleiros, cúmplices do irreal, trazem à tona o imaginário, voltam a ilusão contra si mesma e, sem confronto, deliram o delírio, refletem-no e transformam-no.

A cena psicodramática é, portanto, reveladora e transformadora. Ela nos coloca em contato com nosso *não ser*, com nosso *estranho em nós*, com nosso oculto.

Mas a cena, como vínculo entre imaginário e real, passa sempre pelos mesmos caminhos?

Não. Há diferentes formas de fazer contato com esse imaginário. E é aqui que, nossas questões, hoje, se tornam mais importantes. Vou tentar descrever dois desses caminhos, que na verdade significam duas maneiras de conceber psicoterapia e psicodrama, e dois modos de pensar o que é saúde mental.

Chamarei esses caminhos de *resolução de conflitos e de subjetivação*.

O que é resolução de conflitos? É um caminho de condução da cena que recebeu forte influência do teatro e de Freud.

Do teatro, porque teatro é drama e drama é conflito. Veremos isso em outro capítulo.

E de Freud?

Antes de Hegel, os teóricos estudavam a história por períodos e por povos. Assim, tínhamos a história sobre os persas, sobre o período romano, e outros mais. Hegel entendia que cada período histórico tinha uma ideia, uma tese que o sustentava. Em determinado